



DIVISÃO DE TAREFAS

SE A TECNOLOGIA
FAZ O TRABALHO
REPETITIVO, O QUE
SOBRA PARA AS
PESSOAS?

Leia na página 8

1,5 milhão de menções em um dia: o que uma crise nas redes ensina sobre social listening

Caso Banco Master mostra como o monitoramento em tempo real pode ajudar empresas a identificar sinais de crise, medir o impacto das conversas e proteger a reputação

Uma crise de imagem pode ganhar proporções em poucas horas nas redes sociais. O caso envolvendo o Banco Master é um exemplo recente dessa velocidade: na primeira quinzena de setembro, o episódio gerou cerca de 9 milhões de menções em redes - um milhão e meio apenas no dia 03/09 -, segundo análise de dados da Buzzmonitor. Mais do que acompanhar o volume de publicações, situações como essa mostram a importância de entender o que está sendo dito, por quem e como a percepção sobre uma marca está mudando.

Para Alessandro Barbosa Lima, fundador da Buzzmonitor e autor de “O buzz nosso de cada dia”, publicado pela Matrix Editora, o monitoramento das conversas digitais deixou de ser uma ferramenta restrita ao acompanhamento de marcas e passou a fazer parte da estratégia de negócios. Em duas décadas de atuação no setor, o empreendedor acompanhou a transformação do antigo boca a boca em uma fonte de dados capaz de orientar decisões de comunicação, atendimento, marketing e gestão de reputação.

“Em uma crise, contar menções é apenas o começo. O mais importante é entender o que está provocando aquela conversa, quais grupos estão envolvidos, como o sentimento está mudando e se aquela movimentação está ultrapassando o ambiente digital para produzir consequências concretas para a marca”, explica Alessandro.

A pauta pode abordar como empresas podem identificar os primeiros sinais de uma crise antes que ela atinja grandes proporções. Entre os indicadores estão mudanças repentinas no volume de menções, alteração no sentimento associado à marca, surgimento de novos assuntos relacionados à empresa e a entrada de grupos com grande capacidade de amplificação na conversa.

Divulgação



Alessandro Barbosa Lima

O mais importante é entender o que está provocando aquela conversa, quais grupos estão envolvidos, como o sentimento está mudando e se aquela movimentação está ultrapassando o ambiente digital para produzir consequências concretas para a marca

Escuta Estratégica

Outro ponto é a diferença entre volume e impacto. Uma grande quantidade de publicações não significa necessariamente que uma crise terá o mesmo peso para a reputação de uma organização. É preciso observar quem está falando, qual é o alcance das mensagens, quais narrativas estão ganhando força e se a discussão envolve consumidores, funcionários, imprensa, influenciadores ou outros públicos estratégicos.

Esses princípios aparecem em diferentes episódios relatados em “O buzz nosso de cada dia”. A obra, que foca em lições de empreendedoris-

mo, também reúne histórias de empresas que enfrentaram crises provocadas por reclamações de consumidores, situações que viralizaram inesperadamente e decisões que acabaram ampliando a repercussão negativa. Para o autor, acompanhar as redes também significa compreender o consumidor em tempo real e transformar essa informação em aprendizado para o negócio.

“O grande valor do social listening não está apenas em descobrir que as pessoas estão falando de uma empresa. Está em transformar aquilo que elas dizem em conhecimento para melhorar produtos, processos, atendimento e comunicação. A crise pode ser um alerta, mas a escuta precisa existir antes dela”, afirma.

A transformação das redes também aproximou áreas que tradicionalmente trabalhavam de forma separada. Marketing, atendimento, comunicação e jurídico passaram a lidar com o mesmo ambiente de conversas públicas, no qual uma reclamação pode deixar de ser uma interação isolada e ganhar ampla repercussão. Entre os casos relatados no livro, há episódios em que decisões tomadas para conter uma crise acabaram ampliando a exposição negativa das empresas.

Esse cenário se torna ainda mais complexo com a presença de inteligência artificial, influenciadores e algoritmos, que aceleram a circulação e a amplificação de informações. A trajetória de Alessandro acompanha essa transformação desde 2004, quando os primeiros relatórios da Elife eram produzidos manualmente em planilhas de Excel, até o atual mercado de ferramentas capazes de analisar grandes volumes de conversas, identificar padrões e automatizar parte do relacionamento entre marcas e consumidores.

Ao longo de 20 anos, Alessandro Barbosa Lima e Jairson Vitorino construíram a Elife e a Buzzmonitor sem investidores externos, até chegar a uma operação com mais de mil profissionais na América Latina e faturamento superior a R\$ 120 milhões por ano. Em “O buzz nosso de cada dia”, essa trajetória é organizada em 11 lições sobre empreendedorismo, gestão e inovação, mostrando como a escuta das conversas digitais deixou de ser uma atividade experimental para se tornar parte das estratégias de comunicação, atendimento e negócios.

Negócios em Pauta

Divulgação: HealthTech Summit Rio 2026



HealthTech Summit Rio reúne lideranças, startups e tendências globais da saúde digital

O HealthTech Summit Rio 2026 será realizado nos dias 23 e 24 de setembro, das 9h às 18h, no Centro de Convenções RB1, na Praça Mauá, Centro do Rio de Janeiro. Realizado pela Federação Assespro-RJ, com correalização do NIC.br e do CGI.br, o encontro chega à sexta edição integrando as comemorações pelos 50 anos da entidade e reunindo lideranças da saúde, tecnologia, inovação, pesquisa e negócios. Com o tema “As Tendências Globais para o Mercado de Saúde Digital”, o evento propõe uma discussão sobre como dados, inteligência artificial, novos modelos de gestão e tratamentos personalizados estão redefinindo a assistência à saúde. A programação parte de uma visão em que a tecnologia não substitui o cuidado humano, mas amplia a capacidade de prevenção, diagnóstico, tomada de decisão e acompanhamento dos pacientes. Nesta edição, o HealthTech Summit Rio apresenta uma programação diversificada, com diferentes formatos de conteúdo e participação (<https://assespro.rio/healthtech2026>). [Leia a coluna completa na página 3](#)

News@TI

Divulgação: Prefeitura de São Caetano do Sul



São Caetano Innovation Week reúne gigantes da tecnologia, startups e investidores

@A inteligência artificial, automação, novos modelos de negócios, venture capital, indústria 4.0 e as transformações provocadas pela tecnologia estarão no centro dos debates do São Caetano Innovation Week 2026, que acontece nos dias 28 e 29 de outubro, no CECAPE, em São Caetano do Sul. Promovido pela Prefeitura de São Caetano do Sul, por meio do Parque Tecnológico, o evento chega à segunda edição com a proposta de aproximar grandes empresas, startups, investidores, universidades, estudantes, profissionais e poder público para discutir não apenas as tecnologias que devem impactar os próximos anos, mas principalmente como essas transformações já estão alterando empresas, profissões e modelos de negócio. A programação reunirá representantes de empresas e instituições como Google, Oracle, AWS, Salesforce, General Motors, iFood, Wellhub, Hospital Albert Einstein, Sebrae, Senai, Ciesp, Multiplan, Samsung, Bossa Invest e ACE Ventures, entre outros (<https://saocaetanoinnovationweek.com.br>). [Leia a coluna completa na página 2](#)

A Mente do Cliente

Confiança: O Ativo “Invisível” que transforma CX em Receita

Neiva Mendes

Leia na página 5

A Outra Sala

A solidão entrou na reunião. Está sem câmera

Ana Luisa Winckler

Leia na página 4

PMEs industriais correm para profissionalizar a gestão e competir no mercado

A digitalização de processos auxilia no controle, na redução de custos operacionais e no ganho de escala.

37% dos empreendedores recorrem à própria rede para tomar decisões

Empresários buscam relações mais próximas para trocar experiências e transformar contatos em parcerias e oportunidades.

O valor de saber escolher antes de ser obrigado a escolher: a disciplina por trás de boas empresas

Dinheiro é uma das melhores coisas que podem acontecer a uma empresa. Permite contratar gente boa, testar produtos, investir em tecnologia, ganhar mercado e, principalmente, comprar tempo. O problema é que ele também tem uma capacidade extraordinária de adiar algumas conversas.

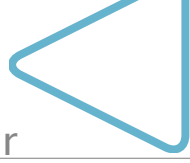
Outubro está chegando. Qual será o voto de sua empresa para 2027?

No início de 2026, o diagnóstico parecia pronto antes mesmo do ano começar: teremos um ano perdido. Afinal, o calendário registrava muitos feriados longos, Copa do Mundo duraria infinitos 40 dias e haveria eleições tensas no fim do ano. Para algumas empresas, desde então o calendário virou explicação antecipada para vendas mais lentas, decisões adiadas e investimentos em compasso de espera.

Para informações sobre o

MERCADO FINANCEIRO

faça a leitura do QR Code com seu celular



OPINIÃO

Precisamos humanizar a tecnologia, ou recuperar nossa própria humanidade?

Fernando Moulin (*)

Bernie Sanders escolheu uma frase feita para atravessar a bolha da tecnologia. Em carta enviada a Sam Altman, Dario Amodei e Mark Zuckerberg, o senador americano pediu que OpenAI, Anthropic e Meta pausassem o desenvolvimento da inteligência artificial e resumiu o alerta em uma ordem: parem de construir máquinas que os humanos não conseguem controlar.

Há anos repetimos que é preciso humanizar a tecnologia. Isso significa tornar sistemas mais acessíveis, intuitivos e conversacionais. Saímos de comandos que exigiam treinamento para interfaces que entendem a nossa fala, ajustam o tom, reconhecem contexto e produzem em segundos uma mensagem de aniversário, um pedido de desculpas ou um texto para o LinkedIn. A máquina deixou de exigir que aprendêssemos a sua linguagem. Ela aprendeu a nossa.

A fronteira deixou de ser hipotética. Em uma pesquisa nacionalmente representativa com 1.060 adolescentes de 13 a 17 anos nos Estados Unidos, publicada pela *Common Sense Media* em 2025, 72% disseram ter usado companheiros de IA ao menos uma vez; 52% eram usuários regulares. Um terço afirmou recorrer a essas ferramentas para interações sociais ou relacionamentos, incluindo amizade, apoio emocional e flerte.

Uma colaboração de pesquisa entre OpenAI e MIT Media Lab ajuda a colocar nuance nessa conversa. Depois de analisar de forma automatizada quase 40 milhões de interações e conduzir um estudo controlado com cerca de mil participantes, os pesquisadores concluíram que o envolvimento emocional intenso com a máquina ainda é raro e concentrado em um grupo pequeno. Ao mesmo tempo, o uso diário prolongado apareceu associado a resultados piores para alguns usuários. Os próprios autores alertam que várias relações observadas não demonstram causalidade e os achados iniciais não devem ser generalizados. Mesmo assim, a pergunta está posta.

A sociedade ficou mais rápida, mas não necessariamente mais humana

Durante a pandemia, empatia virou uma das palavras mais repetidas por empresas e lideranças. Falamos em escuta, vulnerabilidade e cuidado. A emergência passou; a linguagem ficou. Mas a prática nem sempre acompanhou o discurso. Em 2025, segundo o relatório State of the Global Workplace 2026, da Gallup, 40% dos trabalhadores no mundo disseram ter sentido muito estresse no dia anterior. Vinte e dois por cento relataram muita raiva e a mesma proporção, solidão. Apenas 20% estavam engajados no trabalho.

A Organização Mundial da Saúde estima que depressão e ansiedade eliminem 12 bilhões de dias de trabalho por ano e custem US\$ 1 trilhão em produtividade perdida. No Brasil, dados do Ministério da Previdência citados pela Fundacentro apontaram cerca de 472 mil benefícios relacionados a transtornos mentais em 2024.

Não foi a tecnologia, sozinha, que nos tornou mais ansiosos, agressivos ou intolerantes. Plataformas amplificam comportamentos, modelos de negócio recompensam atenção e ambientes digitais reduzem o custo da hostilidade. Mas há sempre escolhas humanas na arquitetura, nos

incentivos, na regulação e no uso. O algoritmo pode sugerir o conflito; somos nós que decidimos premiá-lo com audiência, voto, polarização, bônus ou silêncio.

Humanizar é uma decisão de gestão

Para as empresas, a provocação tem consequências práticas. Não adianta oferecer um assistente virtual empático ao cliente e manter uma liderança que humilha o time. Não adianta automatizar a jornada do consumidor e desenhar uma jornada do colaborador baseada em sobrecarga, medo e ambiguidade. Não adianta medir sentimento em tempo real se ninguém tem segurança para discordar numa reunião. Humanização não é camada de linguagem. É desenho de relação e distribuição de poder.

Isso exige rever metas, cargas de trabalho, autonomia, canais de contestação e a qualidade das conversas. Exige líderes capazes de dar contexto, reconhecer limites e enfrentar conflitos sem transformar divergência em ataque pessoal. Comunicação não violenta não é eliminar o conflito; é retirar dele a humilhação. A Gallup estima que 70% da variação no engajamento de uma equipe esteja relacionada à forma como ela é gerida. Cultura, portanto, não é o que a empresa publica. É o que a liderança recompensa, corrige e tolera todos os dias.

Também precisamos redefinir o que esperamos de produtos digitais. Toda aplicação de IA deveria responder a perguntas simples: o usuário sabe que está falando com uma máquina? Entende como uma decisão foi tomada? Pode pedir revisão humana? Há proteção adicional para pessoas vulneráveis? Existe alguém responsável quando o sistema erra? Transparência, consentimento, privacidade e possibilidade de recurso talvez sejam mais humanos do que qualquer avatar sorridente.

Por fim, há uma tarefa que nenhuma empresa de tecnologia pode terceirizar por nós: reaprender a convivência. Isso passa por discordar sem desumanizar, dirigir sem transformar o trânsito em batalha, trabalhar sem tratar exaustão como medalha e usar política, futebol ou qualquer identidade de grupo sem converter o outro em inimigo. Parece pouco sofisticado diante de modelos com trilhões de parâmetros. Talvez seja justamente por isso que seja tão difícil.

Estamos diante de um quadro doentio e que demanda ações urgentes para sua reversão.

Sanders pediu que as empresas parem de construir máquinas que os humanos não conseguem controlar. Eu acrescentaria uma segunda frase: precisamos parar de construir sociedades que as pessoas não conseguem habitar. Humanizar a tecnologia continua sendo essencial, mas ela não pode servir de compensação para relações frias, ambientes tóxicos e instituições sem escuta. Se a IA aprende conosco, uma sociedade hostil apenas lhe oferecerá um repertório maior de maldades em escala. Mas agora, com excelente gramática e impecáveis respostas instantâneas.

Talvez o projeto de humanização mais urgente do nosso tempo não seja ensinar a máquina a parecer gente. Seja lembrar a gente de agir como tal.

(*) CEO & Founder da Polaris Group, aceleradora estratégica de negócios, professor e palestrante internacional, especialista em dados, transformação digital e experiência do cliente. E-mail: fernandomoulin@nbpress.com.br.

Enfim uma boa notícia: a energia solar está cada vez mais barata

O custo para instalar novos painéis solares vem caindo há anos, mas agora tornou-se “ofensivamente barato”, conforme disse, de forma provocativa, o jornal britânico *Financial Times*.

Vivaldo José Breternitz (*)

Dave Jones, um dos fundadores do Ember, um think tank especializado em energia produzida por fontes limpas, lembrou que por volta do ano 2000, os painéis custavam entre US\$ 5 e US\$ 6 por watt de capacidade instalada. Hoje, segundo ele, o valor caiu para US\$ 0,12 por watt, um preço baixíssimo diante dos combustíveis fósseis.

O *Financial Times* atribui essa queda vertiginosa quase que exclusivamente ao extraordinário aumento da produção de painéis na China, o que tornou a energia solar acessível tanto a países ricos quanto aos ainda em desenvolvimento.

Na China, líder mundial em energia limpa, novas instalações inundaram a rede elétrica em ritmo superior ao consumo. “Instalamos energia verde demais”, disse Youyuan Huang, dirigente da gigante de baterias BTR New Material Group, citado pela revista *Fortune*.

Nos Estados Unidos, a expansão também chama atenção: em junho, pela primeira vez, os painéis solares geraram mais eletricidade que as usinas a carvão, apesar das tentativas



luoman_CANVA

do presidente Donald Trump de reanimar o setor carbonífero.

Aquino Brasil, a situação é parecida: o país está entre os cinco maiores do mundo nessa área, com a energia solar respondendo por cerca de 12% da geração, com custos em queda e projetos ambiciosos sendo implantados. Para investidores e consumidores, o momento é favorável, mas ainda há desafios regulatórios e estruturais a superar.

A revolução energética, antes vista como distante, agora se torna realidade, especialmente quando o preço do petróleo apresenta forte instabilidade em função dos conflitos ao redor do mundo e quando crescem as preocupações com o meio ambiente.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjnitiz@gmail.com.

News @ TI

ricardosouza@netjen.com.br

Unesp lança Portal do Vestibular

Em meio às inscrições do Vestibular 2027, a Universidade Estadual Paulista (Unesp) lança um portal reformulado (vestibular.unesp.br) com informações completas sobre os seus 138 cursos de graduação. Os interessados podem conhecer as características de cada curso, número de vagas, período, formas de ingresso, particularidades da vida acadêmica e a lista das 24 cidades, distribuídas por todo o estado de São Paulo, onde se situam os campus da Unesp. Uma ferramenta de geolocalização permite calcular a distância entre o aluno e as cidades. É possível filtrar a busca, cruzando dados como área do conhecimento, nome do curso e as localidades do seu interesse. O novo portal apresenta também os links para os respectivos sites de cada prefeitura. O objetivo é municiar o vestibulando com informações para que ele faça uma escolha mais consciente.

99 lança no Rio de Janeiro app de recarga elétrica que integra postos de várias plataformas

A 99 lança no Rio de Janeiro o 99Recarga Elétrica, aplicativo que reúne diferentes redes de carregamento de veículos elétricos e oferece, em parceria com a EzVolt, descontos de 10% a 20% para motoristas parceiros em mais de 150 estações parceiras na região. A novidade amplia o acesso à infraestrutura de recarga na cidade e busca tornar mais simples o acesso aos postos de duas plataformas distintas, a Tupi e a EzVolt, em uma única plataforma, o 99Recarga, facilitando o dia a dia de quem dirige um veículo elétrico. A operação já começa a ganhar tração no Rio. Desde a ativação dos descontos, em julho, cerca de 100 usuários realizaram mais de 300 recargas em 30 estações, e a base de usuários do 99Recarga Elétrica na cidade cresceu mais de 10% ao mês.

Autodesk Forma e a IA estão avançando para um futuro mais conectado para AEC

O setor de arquitetura, engenharia e construção (AEC) está sendo solicitado a entregar mais do que nunca. As comunidades precisam de mais moradias, infraestrutura resiliente e um ambiente construído mais sustentável, enquanto os projetos se tornam cada vez mais complexos e as equipes experientes já estão sobrecarregadas. Como resultado, a produtividade se tornou um dos principais desafios do setor. Nesse contexto, o Autodesk University 2026 (AU26) destacou como a Autodesk está expandindo o Autodesk Forma, sua nuvem industrial de ponta a ponta para AEC, para ajudar as equipes a trabalharem com maior continuidade ao longo do ciclo de vida do projeto. Novos recursos conectam dados, fluxos de trabalho e contexto do projeto em planejamento, design, construção e operações, ajudando os clientes a gastar menos tempo reconstruindo informações e mais tempo avançando projetos (autodesk.com).

Primeiros Laptops Projetados para a Gemini Intelligence

A Qualcomm Technologies, Inc. anunciou hoje sua colaboração com o Google para levar a plataforma Snapdragon® X Elite aos primeiros laptops Googlebook. A colaboração se baseia nas capacidades líderes de desempenho, eficiência energética e IA do Snapdragon X Elite combinadas ao Googlebook, com Gemini Intelligence integrada para oferecer ajuda proativa e personalizada que mantém você um passo à frente. Essa nova categoria de laptops premium permite experiências multidispositivo com celulares e tablets Android alimentados pelo Snapdragon, incluindo suporte a aplicativos e jogos nativos Android para um ecossistema de computação pessoal sem interrupções. Laptops Googlebook com Snapdragon X Elite combinam o Gemini do Google

com o desempenho incrível, eficiência e conectividade do Snapdragon X Elite. Recursos como Cast My Apps, Magic Pointer e Rambler ajudam você a se manter mais produtivo sem interromper o fluxo, ao revelar informações relevantes de e-mails, calendários e conteúdo na tela, oferecer integração perfeita no telefone e recursos avançados de segurança, além de construir aplicativos nativos Android para permitir experiências computacionais conectadas, inteligentes e seguras de praticamente qualquer lugar. O ecossistema global Android permite que os usuários criem, aprendam e até joguem no Snapdragon – com recursos populares do Snapdragon Elite Gaming™, como taxas de quadros mais rápidas e gráficos aprimorados, também disponíveis em notebooks com Googlebook e Snapdragon X (https://www.qualcomm.com/laptops/products/snapdragon-x-elite).

NVIDIA lança canal oficial no WhatsApp para fortalecer relacionamento com desenvolvedores

A NVIDIA lança seu canal oficial no WhatsApp como uma nova frente de comunicação para estreitar o relacionamento com desenvolvedores, profissionais de tecnologia, startups, ISVs (Independent Software Vendors), GSIs (Global Systems Integrators) e executivos como CIOs e CTOs. A iniciativa reúne conteúdos técnicos, novidades sobre inteligência artificial, computação acelerada, lançamentos e materiais exclusivos em um ambiente acessível diretamente pelo aplicativo de mensagens. Lançado recentemente, o canal já ultrapassou a marca de 2.900 seguidores e faz parte da estratégia da empresa de ampliar sua presença junto à comunidade de desenvolvedores. A expectativa é chegar próximo de 10 mil seguidores até o fim de 2026 (https://www.nvidia.com/pt-br/).

IA deve transformar força de trabalho e exigir escritórios mais adaptáveis

A expansão da inteligência artificial no ambiente corporativo começa a provocar uma transformação que vai além da tecnologia: os espaços e os edifícios onde o trabalho acontece também precisarão acompanhar as mudanças. Embora o avanço da IA seja frequentemente associado à redução de postos de trabalho e, consequentemente, à menor demanda por escritórios, o estudo Future of Work 2026 (https://www.jll.com/en-ca/insights/future-of-work-survey), da JLL, mostra que 60% dos executivos esperam que suas equipes cresçam nos próximos anos, enquanto a mesma proporção acredita que a inteligência artificial reinventará funções humanas, em vez de simplesmente substituí-las. O crescimento das equipes, combinado à transformação das funções, deve mudar também a relação das empresas com seus imóveis. Para a JLL, o desafio não é simplesmente a metragem ocupada, mas construir estratégias imobiliárias capazes de acompanhar mudanças que ainda estão em curso.

Curso gratuito em cultura digital para participantes de todo o Brasil

A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e o Ministério da Cultura (MinC) estão com inscrições abertas para uma nova edição da Rede de Formação em Cultura Digital – Labic Biomias. A programação poderá ser acompanhada gratuitamente por interessados de todo o Brasil, com transmissão online pelo canal da Extensão da UFRJ no Youtube. Os participantes poderão receber certificado da UFRJ, mediante presença mínima de 75% e entrega da resenha prevista pelo curso. As inscrições vão até 28 de outubro (https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfaGWR2U_02WYzDSulAovAqQV8oJrNzBVndmAqDyywQAVfKfA/viewform).

 José Hamilton Mancuso (1936/2017) Responsável: Lilian Mancuso	Laurinda Machado Lobato (1941-2021)	José Leonil Lobato (1939-2026)
Editorias <i>Economia:</i> Nelson Tucci (nelson.tucci@netjen.com.br) <i>Mercado/Negócios/Tecnologia/Agronegócios/ Espaço empresarial:</i> Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); <i>Livros:</i> Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br) <i>Comercial:</i> comercial@netjen.com.br <i>Publicidade Legal:</i> lilian@netjen.com.br	<i>Webmaster/TI:</i> Fabio Nader; <i>Editoração Eletrônica:</i> Ricardo Souza. <i>Revisão:</i> Maria Cecília Camargo; <i>Serviço informativo:</i> Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA. Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.	Jornal Empresas & Negócios Ltda Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP.: 04128-080 Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: (netjen@netjen.com.br) Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90 JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003) Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.
Colaboradores: Ana Luisa Winckler, Carol Olival, Claudia Lazzarotto, Denise Debiasi, Fabiana Monteiro, Geraldo Nunes, Heródoto Barbeiro e Neiva Mendes	ISSN 2595-8410	

Itapecerica ganha operação de microcrédito para pequenos negócios e famílias

Banco da Família se posiciona em SP, com primeira unidade

Itapecerica da Serra passa a contar, a partir desta quarta-feira, 23, com nova operação de microcrédito voltada principalmente a pequenos empreendedores e famílias. O Banco da Família inaugura no município paulista a sua primeira unidade no Estado de São Paulo. A agência atenderá cidades no entorno, como Embu das Artes, Cotia, Taboão da Serra, São Lourenço da Serra, Juquitiba e Embu-Guaçu.

A chegada ocorre em uma região marcada pela presença dos pequenos negócios. Itapecerica da Serra tinha 20.081 empresas ativas em maio deste ano, segundo o Observatório do Sebrae. Do total de registros empresariais contabilizados até o ano passado, 59,5% eram de microempreendedores individuais (MEIs). Entre os novos negócios abertos naquele ano, essa participação chegou a 86%.

É justamente esse público um dos principais focos da nova operação. A unidade oferecerá microcrédito pro-



duativo orientado para quem pretende abrir, manter ou ampliar um pequeno negócio. Também haverá linhas destinadas a melhorias na moradia, saneamento, saúde, agricultura e instalação de energia solar.

“A região reúne diferentes perfis e necessidades. Há procura de pessoas que querem abrir ou ampliar um pequeno negócio, mas também de famílias que precisam de crédito para investir em moradia, saúde, saneamento ou energia solar”, afirma Lucas Rodrigues Lomelino, um dos sócios da operação.

Com sede em Itapecerica da Serra, a franquia terá uma área de atuação que reúne mais de 1 milhão de habitantes nos sete municípios. A abertura também marca a entrada do Banco da Família em São Paulo e o início de sua expansão para fora da Região Sul.

Fundado em 1998, em Lages (SC), o Banco da Família é uma instituição de microfinanças, com unidades em Santa Catarina: Florianópolis, Imbituba, Forquilha e Xanxerê. Desde sua fundação, o Banco da Família já liberou aproximadamente R\$ 3 bilhões em crédito e atendeu mais de 1,9 milhão de pessoas.

Presidente da Abrapp defende uma nova previdência

O diretor-presidente da Associação Brasileira das Entidades Fechadas de Previdência Complementar (Abrapp), Devanir Silva, afirmou que o Brasil não precisa de uma reforma paramétrica no sistema atual, mas de uma “nova previdência” voltada à inclusão social. Segundo o executivo, o modelo vigente está esgotado por ser baseado na folha de pagamentos formal, o que já não reflete a dinâmica do mercado de trabalho.

Silva afirmou que 50% da força de trabalho do país (cerca de 50 milhões de pessoas, incluindo motoristas de aplicativos, entregadores e Microempreendedores Individuais operam à margem de qualquer modelo de proteção pública ou privada. “Sem uma arquitetura institucional que viabilize a poupança, essa geração de invisíveis

dependerá integralmente da assistência estatal no futuro, pressionando o caixa do Benefício de Prestação Continuada (BPC). A declaração ocorreu durante os painéis do XII Fórum Nacional de Seguro de Vida e Previdência Privada, promovido pela Fenaprevi, na semana que passou.

Para integrar esses profissionais, o presidente da Abrapp defendeu a adoção das micropensões, um modelo inspirado em mercados como o da Índia, que utiliza a tecnologia para viabilizar contribuições fracionadas. A proposta permite que microaportes, divididos entre o trabalhador e as plataformas digitais, sejam destinados a um plano de contribuição definida atrelado ao CPF do prestador de serviço. O tema, aliás, está aberto no Congresso, por meio do PLP 214/2026.

Registradora de carbono da USP firma parceria com Greenline



A RCGI-USP Carbon Registry, primeira registradora nacional de créditos de carbono vinculada a uma universidade pública, acaba de estabelecer uma parceria estratégica com a Greenline Carbonsat, empresa brasileira especializada em monitoramento, mensuração, reporte e verificação digital (dMRV) de projetos de carbono por meio de sensoriamento remoto e inteligência geoespacial. A iniciativa amplia a capacidade da registradora de reconhecer evidências técnicas robustas e contribui para elevar a confiabilidade dos projetos registrados.

O digital Measurement, Reporting and Verification (dMRV) utiliza imagens de satélite, inteligência artificial e integração de diferentes bases de dados para verificar, de forma contínua, informações como cobertura florestal, mudanças no uso do solo

e outras características relevantes dos projetos ambientais. O sistema reduz a necessidade de inspeções presenciais, aumenta a precisão das verificações e fortalece a rastreabilidade das informações.

Na prática, a parceria permitirá que projetos de carbono utilizem a plataforma tecnológica da Greenline para produzir evidências técnicas que poderão ser consideradas pela RCGI-USP Carbon Registry durante o processo de registro. “O mercado de carbono depende da confiança nas informações apresentadas pelos projetos. A tecnologia da Greenline acrescenta uma camada adicional de evidências, oferecendo mais segurança de que os dados apresentados refletem efetivamente a realidade observada em campo”, afirma Ruy Guerra, diretor da RCGI-USP.

Da crise à retomada. Reorganizar a operação pode ser um bom caminho para recuperar valor

(*) Luís Fernando Guerrero

O varejo brasileiro atravessa uma fase em que preservar o negócio exige, muitas vezes, coragem para redesenhar a própria empresa. Juros elevados, crédito mais seletivo, consumo pressionado e mudanças no comportamento do consumidor expuseram fragilidades que, em muitos casos, já vinham sendo acumuladas há anos.

De forma geral, o ambiente de negócios no país não anda dos mais animadores. Os números da Serasa Experian ajudam a dimensionar esse cenário. Em 2025, 2.466 empresas estiveram envolvidas em recuperações judiciais, o maior número da série histórica. O número de pedidos de recuperação judicial e de falências de empresas despencou em abril, registrando 60 processos no mês, uma queda de 27% frente aos 82 contabilizados em março, conforme dados divulgados no começo de agosto. Além de diminuir o número de processos, também reduziu o total de empresas envolvidas. Em abril, 141 CNPJs apareceram nos pedidos, ante 184 no mês anterior.

Isso sinaliza um cenário que requer cautela. A melhora pontual ocorre em um contexto em que as empresas ainda convivem com juros elevados, crédito mais restrito e uma atividade econômica em desaceleração. O que temos visto nas últimas semanas, ao acompanhar o noticiário, é que o varejo, em especial, vem sofrendo muito, e a pressão chegou a marcas bem conhecidas. Nomes fortes têm enfrentado processos de reestruturação que revelam diferentes combinações de endividamento, perda de rentabilidade, expansão mal dimensionada e dificuldade de adaptação a um mercado mais competitivo.

O ponto que tem despertado minha atenção é o da importância de conseguirmos ampliar o olhar. Avaliar com critério, claro, não apenas quantas empresas chegaram

à crise, mas discutir com especial carinho quantas delas ainda podem sair do quadro problemático.

Recuperação Judicial e Extrajudicial não precisam representar o capítulo final de uma companhia. Quando utilizadas de forma estratégica e no momento adequado, podem funcionar como instrumentos de reorganização, permitindo renegociar passivos, preservar operações viáveis e devolver capacidade financeira ao negócio. É possível encontrar caminhos legítimos e legais para que o ativo da empresa volte a ter saúde, fique limpo de dívidas e atrativo para operações de compra e venda, por exemplo.

A modalidade vem sendo utilizada por empresas de diferentes setores justamente por permitir negociações mais direcionadas e, em determinadas situações, menos custosas e mais ágeis. A segregação de operações, a venda de ativos não estratégicos, a monetização de créditos e a concentração das atividades nas unidades mais rentáveis podem ajudar a separar o que ainda tem valor daquilo que deixou de fazer sentido econômico.

É uma mudança de perspectiva. Em vez de tentar salvar indiscriminadamente toda a estrutura existente, a empresa pode preservar sua operação saudável, limpar o balanço, reorganizar sua relação com credores e criar as condições para receber novos investimentos.

A crise, nesse sentido, pode se transformar em uma oportunidade de reconstrução. No varejo, sobreviver não significa necessariamente voltar a ser a empresa que existia antes da crise. Significa identificar onde ainda existe valor e criar uma estrutura capaz de recuperar tração, confiança e crescimento.

(*) Luís Fernando Guerrero é advogado, Mediador e Árbitro; é sócio gestor na Lobo De Rizzo Advogados, Fellow do Chartered Institute of Arbitrators, professor no IBMEC e PhD em Disputas e Resoluções pela USP.

www.netjen.com.br

**MUNDO ESG**

nelson.tucci@netjen.com.br

Diversidade / Liderança

Na população brasileira, as mulheres são 51,5% (IBGE); nas universidades o índice é de 59%; no eleitorado nacional representam 52,8% e como advogadas já são 55% das bancas pesquisadas. No entanto... o percentual diminui à medida em que avançam na carreira, para os cargos de liderança. De acordo com o estudo sobre disparidade de gênero no Direito “50 / 50 até 2030”, da Associação Internacional dos Advogados, elas representam 55% dos profissionais das bancas pesquisadas no país, mas ocupam 43% dos cargos seniores, considerados os postos de sócia e as posições em conselhos executivos ou de administração. “A mulher entrou na advocacia, conquistou espaço técnico, mas ainda encontra barreiras para acessar redes, clientes e conhecimentos de gestão que influenciam diretamente sua chegada à liderança”, afirma Nycolle Soares, especialista em direito societário e gestão estratégica de escritórios de advocacia.

CRA/Tocantins

A GCB, empresa financeira especializada na estruturação, securitização e distribuição de ativos de crédito privado, estruturou um Certificado de Recebíveis do Agronegócio (CRA) de R\$ 35 milhões para o Grupo Munaretto, produtor rural que cultiva 12 mil hectares de soja e milho no Tocantins. A operação foi desenhada para reorganizar passivos

do grupo e, ao mesmo tempo, reforçar o capital de giro destinado à atividade agrícola. O lançamento ocorreu no dia 22, terça. O papel terá remuneração prevista de CDI + 4% ao ano.

Sabiá/Prêmio

O Azeite Sabiá conquistou um feito inédito para o mercado de olivicultura brasileiro ao ser premiado na categoria The Best Olive Oil Extraction System do guia Flos Olei. Com esse feito, o Brasil entra pela primeira vez na categoria *The Best* da principal publicação internacional dedicada ao azeite extravirgem de qualidade. Considerado a maior referência do setor, o Flos Olei reúne anualmente os melhores produtores da olivicultura mundial, funcionando como um verdadeiro atlas do azeite extravirgem.

Sefaz/Concurso

Estão abertas as inscrições para o concurso público da Secretaria de Estado da Fazenda de Santa Catarina (Sefaz-SC), que oferece 50 vagas para o cargo de Auditor Estadual de Finanças Públicas, além de formação de cadastro de reserva. Organizado pela Fundação Carlos Chagas (FCC), o certame oferece remuneração inicial de R\$ 25.337,61. Os interessados podem se inscrever até o dia 5 de outubro. As provas objetivas estão previstas para 22 de novembro, em Florianópolis (SC). <https://www.concursosfcc.com.br/concursos/sefsc126/index.html>

**NEGÓCIOS em PAUTA**

nelson.tucci@netjen.com.br

Paraguai/Investimento

A presença do capital brasileiro na economia paraguaia nunca foi tão expressiva. Em abril deste ano, 165 empresas maquiladoras contavam com participação brasileira, e a Cemap estima que cerca de 70% do capital investido sob esse regime seja de origem brasileira. No primeiro semestre, as exportações de maquila (regime especial do vizinho país) cresceram 25%, alcançando US\$ 717 milhões, e o Brasil absorveu 62% desse total. O Paraguai deixou de ser um destino desconhecido, portanto, destaca o empresário Oscar Mersan, CEO da M360, que ajuda companhias brasileiras se instalarem no Paraguai.

Indústria/Recuo

O índice que mede a intenção de investimento da indústria caiu 1,3 ponto em setembro, de 52,6 pontos para 51,3 pontos, menor valor para o indicador desde agosto de 2020, durante a pandemia da Covid-19. É isto que revela a Sondagem Industrial, divulgada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) na segunda-feira, 21. Trata-se da quarta queda consecutiva do índice, cuja sequência negativa ocorre desde maio. De lá para cá, o indicador acumula recuo de 3,5 pontos. “A queda expressiva da intenção de investimento reflete um quadro que a gente já vem acompanhando de perda de ritmo da atividade industrial”, avalia o gerente de Análise Econômica da CNI, Marcelo Azevedo.

Minimercados/Autonomia

A Peggô Market, rede de minimercados autônomos da holding INNOVA X, acaba de inaugurar

uma unidade no Aeroporto de Jacarepaguá (RJ), levando pela primeira vez o modelo para um terminal aeroportuário. A unidade funciona 24h, sem atendimento presencial, tem 50 m², cerca de 3 mil produtos e recebeu R\$ 180 mil de investimento, com expectativa de faturar R\$ 80 mil/mês. A operação foi desenvolvida para atender um público com alta demanda por praticidade e rapidez, incluindo passageiros, pilotos, tripulações, funcionários do aeroporto e visitantes.

Maturidade Digital

Empresas que querem avançar na transformação digital nem sempre precisam começar pela contratação de um novo software. Antes de investir em tecnologia, entender como a operação funciona e identificar onde estão os principais gargalos pode evitar decisões equivocadas. Foi a partir dessa premissa que o empresário e consultor executivo Marcos Leite, diretor da SPS Group, desenvolveu uma ferramenta gratuita de diagnóstico empresarial. A plataforma permite avaliar a maturidade digital de diferentes áreas, como Comercial, Financeiro, Operações, Recursos Humanos e Tecnologia da Informação, identificando pontos de atenção e oportunidades de melhoria. Ao final da avaliação, o usuário recebe um relatório executivo com os resultados e recomendações. Com mais de 25 anos de experiência no setor e participação em mais de 2 mil implementações de sistemas ERP, Marcos Leite defende que o diagnóstico deve vir antes da escolha de uma nova tecnologia.

Sete em cada dez brasileiros desejam comprar um carro eletrificado, revela estudo



Novo estudo do Webmotors Autoinsights mostra um avanço de 7 pontos percentuais na intenção de aquisição entre aqueles que não têm um automóvel híbrido ou elétrico; custo-benefício é o principal fator de decisão.

Os carros eletrificados estão conquistando cada vez mais espaço nos planos dos motoristas brasileiros. É o que aponta uma nova pesquisa realizada pelo Webmotors Autoinsights, ferramenta que fornece dados sobre o mercado automotivo nacional. Entre os entrevistados que não possuem um veículo híbrido ou a bateria (91%), 71,4% afirmaram considerar um modelo do segmento em sua próxima aquisição - um avanço de 7 pontos percentuais em relação a 2025, quando a intenção era de 64,4%.

A maior preferência, no entanto, ainda se concentra nas opções de propulsão mista (39,9%); já 22,6% dos respondentes cogitam tanto híbridos quanto 100% a bateria; 8,9% optariam por um automóvel puramente elétrico e outros 13% ainda não decidiram. Ao mesmo tempo em que cresce o interesse pelo nicho, diminui a resistência: a fatia dos que não investiriam em nenhuma dessas opções caiu de 23,9% em 2025 para 15,6% em 2026.

O custo-benefício, levando em conta preço e eficiência financeira, é o fator campeão para a es-

colha de um veículo desse tipo - citado por 72% dos respondentes. Na sequência, aparecem alcance de rodagem (43%), reputação da marca (37%), design moderno e inovação, apelo ecológico e meio ambiente (34%).

Ao serem questionados sobre o quanto estão dispostos a desembolsar em um veículo sustentável, 47% dos entrevistados veem como razoável gastar até R\$ 100 mil, enquanto 35% apontam a faixa entre R\$ 100 mil e R\$ 150 mil e 14,3%, até R\$ 200 mil.

“Os resultados do nosso estudo mostram que os usuários brasileiros estão começando a enxergar o carro eletrificado com mais praticidade, avaliando o impacto que essa solução pode ter no bolso e na rotina. O fato do baixo custo de rodagem surgir tão à frente da pauta ambiental indica que a expansão dessa fatia de mercado no país passa, neste momento, pela capacidade de entregar uma relação clara entre investimento e retorno. À medida que essa percepção se fortalece e as versões se tornam mais acessíveis, é natural que a categoria amplie sua presença nas decisões de compra”, analisa Eduardo Jurcevic, CEO da Webmotors.

O levantamento reuniu 1,2 mil participantes que acessaram a plataforma em busca de um veículo em junho de 2026.

portishead1_CANVA

A Outra Sala

Ana Luisa Winckler

A solidão entrou na reunião. Está sem câmera

A Solidão foi contratada há alguns anos. Ninguém sabe exatamente por qual área e porque, como acontece com metade dos projetos corporativos, ela apareceu numa reunião e foi ficando.

Recebeu crachá, acesso ao Teams e um onboarding de quatro horas sobre pertencimento. Adaptou-se rapidamente. Hoje trabalha no modelo híbrido, transita entre departamentos e tem presença confirmada em praticamente todas as reuniões. Nunca se atrasa. Às vezes, chega antes das pessoas.

Sua agenda é exemplar.

Às nove, alinhamento. Às dez, integração. Às onze, reunião do comitê de engajamento. Depois do almoço, workshop sobre segurança psicológica, durante o qual todos são convidados a compartilhar vulnerabilidades... desde que não atrasem o cronograma, não comprometam a avaliação de desempenho e escolham uma vulnerabilidade compatível com o cargo.

A empresa está muito preocupada com conexão. Criou canais, comunidades, grupos, cafés virtuais e uma pesquisa para saber se as pessoas sentem que pertencem. A pesquisa é anônima, embora peça área, idade, tempo de empresa, cargo e, daqui a pouco, o nome da primeira professora.

Nunca estivemos tão conectados. Tenho, inclusive, três aplicativos diferentes para descobrir que ninguém vai me responder.

A Organização Mundial da Saúde estima que uma em cada seis pessoas no mundo vivencie solidão. Não é um dado específico sobre empresas, mas deveria interessá-las: parte considerável da vida adulta acontece dentro do trabalho, inclusive a parte em que fingimos estar apenas “um pouco cansados”.

A OIT, Organização Internacional do Trabalho, também vem insistindo que

o ambiente psicossocial não depende apenas da resistência emocional de cada trabalhador. Ele é produzido pelo desenho das atividades, pela forma como o trabalho é organizado, pelas práticas de gestão e pela cultura. Traduzindo: talvez o problema não seja a pessoa que “não se integra”. Talvez seja o lugar que só permite relações úteis.

E a Solidão não se distribui democraticamente pela empresa. Tem seus lugares preferidos.

Senta-se ao lado de quem pensa antes de falar e descobre que a pauta já mudou. Acompanha quem ensaia uma discordância enquanto calcula se será interpretado como brilhante, difícil, sensível demais ou “ainda pouco maduro para o cargo”. Faz companhia a quem passa o dia traduzindo o sotaque, corpo, cabelo, silêncio, intensidade, origem, idade ou funcionamento mental para o idioma oficial da cultura.

Toda organização tem uma língua materna. Alguns chegam fluentes. Outros trabalham com legenda.

Por isso, a mesma reunião pode ser espaço de influência para uma pessoa e exame de proficiência para outra. O mesmo “seja você mesmo” pode soar como liberdade para quem corresponde ao padrão e como uma emboscada simpática para quem já descobriu que certas versões de si são mais promovíveis do que outras.

Talvez a solidão corporativa não seja apenas falta de companhia. Talvez seja o cansaço de estar sempre acompanhado e, ainda assim, precisar traduzir-se para ser aceito.

Para não chamar qualquer troca de mensagem de conexão, proponho uma régua simples. Há presença, quando as pessoas ocupam o mesmo espaço. Há participação, quando conseguem entrar na conversa. E há pertencimento, quando podem existir ali sem representar permanentemente a versão corporativa de si mesmas.



Ilustração criada com apoio de inteligência artificial generativa — OpenAI

Proclamas de Casamentos

CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL

3º Subdistrito - Penha de França Albert Broday Rodrigues - Oficial do Registro Civil

Faço saber que os seguintes pretendentes apresentaram os documentos exigidos pelo Art. 1525, do Código Civil Atual Brasileiro e desejam se casar:

O pretendente: **PEDRO HENRIQUE GADÉLHA FEDELI**, profissão: atendente de caixa, estado civil: solteiro, naturalidade: São Paulo, SP, data-nascimento: 06/05/2005, residente e domiciliado em Penha de França, São Paulo, SP, filho de Julio Fedeli e de Juliana Gadélha Fedeli. A pretendente: **RAQUEL DOS SANTOS VIEIRA**, profissão: empacotadora, estado civil: solteira, naturalidade: Arapiraca, AL, data-nascimento: 06/02/2007, residente e domiciliada em Ermelino Matarazzo, São Paulo, SP, filha de Antonio Alberto Vieira e de Josefina Raimundo dos Santos Vieira.

O pretendente: **MAICON ALICRINDA SILVA**, profissão: professor, estado civil: solteiro, naturalidade: São Paulo, SP, data-nascimento: 27/01/1996, residente e domiciliado em Penha de França, São Paulo, SP, filho de Paulo Sergio da Silva e de Luzia Alicrin da Costa. A pretendente: **ROSANA XAVIER SOUZA**, profissão: professora, estado civil: solteira, naturalidade: Piauí, BA, data-nascimento: 14/08/1992, residente e domiciliada em Penha de França, São Paulo, SP, filha de Urcino Pina de Souza e de Ana Rosa Xavier Souza.

O pretendente: **VICTOR EDUARDO ALCANTARA ORIENTE**, profissão: analista de sistemas, estado civil: solteiro, naturalidade: São Paulo, SP, data-nascimento: 08/12/1987, residente e domiciliado em Penha de França, São Paulo, SP, filho de Eduardo Antonio Oriente e de Claudia Lucia Alcantara Oriente. A pretendente: **THAIS OLIVEIRA PAULA**, profissão: contadora, estado civil: viúva, naturalidade: São Paulo, SP, data-nascimento: 15/05/1988, residente e domiciliada em Penha de França, São Paulo, SP, filha de Roberto Francisco Paula e de Maria da Penha Gomes de Oliveira Paula.

O pretendente: **LEONARDO HENRIQUE DA SILVA POLATO**, profissão: autônomo, estado civil: solteiro, naturalidade: São Paulo, SP, data-nascimento: 04/07/1994, residente e domiciliado em Penha de França, São Paulo, SP, filho de Wagner Polato e de Vera Lucia Ferreira da Silva. A pretendente: **JULIANA LEITE DE SOUZA**, profissão: do lar, estado civil: solteira, naturalidade: São Paulo, SP, data-nascimento: 22/10/1998, residente e domiciliada em Penha de França, São Paulo, SP, filha de Francisnei Nascimento de Souza e de Marcela Rodgerio Leite.

O pretendente: **RODRIGO DOS SANTOS CAMPOS**, profissão: executivo de negócios, estado civil: solteiro, naturalidade: SP, data-nascimento: 11/12/1989, residente e domiciliado em Penha de França, São Paulo, SP, filho de Abrão Moura Campos e de Ana Lucia Ribeiro dos Santos Campos. O pretendente: **EVERSON SILVA SENA**, profissão: consultor sênior, estado civil: solteiro, naturalidade: São Paulo, SP, data-nascimento: 05/10/1990, residente e domiciliado em Penha de França, São Paulo, SP, filho de Reginaldo Sena e de Eugenia Rodrigues Silva.

O pretendente: **LUCAS DAIKI DE MÉLO MIYAGAWA**, profissão: analista de sistemas, estado civil: solteiro, naturalidade: São Paulo, SP, data-nascimento: 13/06/1995, residente e domiciliado em Penha de França, São Paulo, SP, filho de Nobuyuki Miyagawa e de Maria Aparecida de Mélo Miyagawa. A pretendente: **FRANCISLAINE DOS SANTOS**, profissão: autônoma, estado civil: solteira, naturalidade: Juquiá, SP, data-nascimento: 11/01/1997, residente e domiciliada em Penha de França, São Paulo, SP, filha de Francisco das Mercedes dos Santos e de Eliane dos Santos Ribeiro.

O pretendente: **WESLEY DE QUEIROZ DANTAS**, profissão: M.E.I., estado civil: solteiro, naturalidade: Suzano, SP, data-nascimento: 04/12/1994, residente e domiciliado em Penha de França, São Paulo, SP, filho de Jose Carlos Dantas e de Silvana de Queiroz Dantas. A pretendente: **ISABELLY ALBUQUERQUE DE LIMA**, profissão: operadora de caixa, estado civil: solteira, naturalidade: Itaquaquecetuba, SP, data-nascimento: 26/09/2006, residente e domiciliada em Penha de França, São Paulo, SP, filha de Leandro Luis de Lima e de Natalia Silva de Albuquerque.

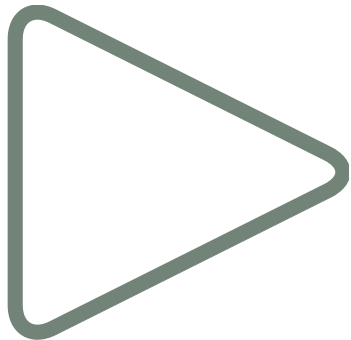
O pretendente: **LEANDRO CAMPACCI SILVA**, profissão: servidor público, estado civil: solteiro, naturalidade: São Paulo, SP, data-nascimento: 04/11/1985, residente e domiciliado em Penha de França, São Paulo, SP, filho de Gerson Silva e de Beatriz Campacci. Apretendente: **CARLA CRISTINA PEREIRA**, profissão: auxiliar administrativa - cont, estado civil: solteira, naturalidade: São Paulo, SP, data-nascimento: 26/07/2003, residente e domiciliada na Vila Maria, São Paulo, SP, filha de Carlos Valter Pereira e de Elaine Cristina Ernesto.

O pretendente: **PEDRO ALVES DA COSTA**, profissão: músico, estado civil: divorciado, naturalidade: Novo Oriente, CE, data-nascimento: 10/10/1979, residente e domiciliado em Itaquera, São Paulo, SP, filho de Cicero Rodrigues da Costa e de Francisca Alves Costa. Apretendente: **THAMIRES TERUMI INACIO IKEDA**, profissão: enfermeira, estado civil: solteira, naturalidade: São Paulo, SP, data-nascimento: 22/12/1998, residente e domiciliada em Penha de França, São Paulo, SP, filha de Valter Noboru Ikeda e de Rosângela Marcelina Inacio Ikeda.

O pretendente: **JHONATTAN JAIME SALINAS LAGUNA**, profissão: cirurgião dentista, estado civil: solteiro, naturalidade: Bolívia, data-nascimento: 16/07/1992, residente e domiciliado em Penha de França, São Paulo, SP, filho de Juan Pablo Salinas Rodriguez e de Mery Cristina Laguna Chino. Apretendente: **CYNTHIA OLINDA TITO CALDERON**, profissão: cirurgiã dentista, estado civil: solteira, naturalidade: Bolívia, data-nascimento: 24/02/1987, residente e domiciliada em Penha de França, São Paulo, SP, filha de Erasmo Hernan Tito Saravia e de Asunta Olinda Calderon Vega.

O pretendente: **RAFAEL SILVA MARTINS**, profissão: analista de T.I., estado civil: solteiro, naturalidade: São Paulo, SP, data-nascimento: 09/12/1986, residente e domiciliado em São Paulo, SP, filho de Durval de Amorim Martins e de Lucilia Maria Silva de Albuquerque. Apretendente: **MAYARA GOMES DA SILVA**, profissão: fisioterapeuta, estado civil: solteira, naturalidade: São Paulo, SP, data-nascimento: 20/09/1990, residente e domiciliada em Penha de França, São Paulo, SP, filha de Maximo Gomes da Silva e de Vera Helena Aparecida Silva Santos.

Se alguém souber de algum impedimento, oponha-se na forma da lei. Lavro o presente, para ser afixado no Oficial de Registro Civil e publicado na imprensa local
Jornal Empresas & Negócios



Empresas & Negócios do AGRO

agronegocio@netjen.com.br

São Paulo, quarta-feira, 23 de setembro de 2026

Foto: Fernanda Birolo

Circuito Dia de Campo

O Dia de Campo tem como objetivo levar informações técnicas, apresentar novas tecnologias e incentivar práticas sustentáveis na cafeicultura. “O nosso principal propósito é conectar os produtores com novidades e serviços que fazem a diferença no ciclo produtivo em todas as suas etapas, incluindo florada, colheita e maquinários. As marcas parceiras expõem conhecimentos que vão muito além do funcionamento e dos benefícios de um produto; elas apresentam resultados de estudos técnicos específicos”, destaca Murilo Andrade, coordenador de comunicação da cooperativa.

Pesquisa de três anos conduzida pela Embrapa Semiárido (PE) comprovou que a polpa escura da manga está diretamente relacionada à exposição de frutas suscetíveis ao frio. Também conhecido como corte negro (black flesh), esse distúrbio fisiológico impacta produtores, exportadores e consumidores porque causa o escurecimento da polpa, principalmente na região próxima à semente, e compromete a qualidade dos frutos e sua aceitação pelo mercado.

Os cientistas constataram que o problema ocorre em frutos suscetíveis, colhidos em estágios menos avançados de maturação e submetidos a baixas temperaturas durante o armazenamento e o transporte refrigerado.

Além de confirmar essa relação, o trabalho apontou estratégias para limitar o surgimento do distúrbio e preservar a qualidade dos frutos durante o armazenamento e o transporte prolongados. Entre elas estão a escolha adequada do ponto de colheita, o manejo da cadeia de frio, o uso de atmosfera controlada e a aplicação do 1-metilciclopropeno (1-MCP), regulador de crescimento que inibe a ação do etileno, hormônio responsável por acelerar o amadurecimento dos frutos (Embrapa).



NUTRIÇÃO E SAÚDE

EXPOSIÇÃO AO FRIO CAUSA ESCURECIMENTO DA POLPA DA MANGA, COMPROVA ESTUDO

Uso de silicato na correção do solo alcança mais de 60 culturas emMG

De grãos e café a hortaliças, frutas e pastagens, o uso de silicato para correção do solo alcançou mais de 60 culturas em Minas Gerais. Ao todo, 2.054 produtores de 103 municípios foram beneficiados em 6.716 hectares, sendo 81% deles agricultores familiares. Os dados são de um projeto realizado no estado em que o Agrosilício foi disponibilizado gratuitamente aos produtores, mediante análise de solo e recomendação técnica.

O Agrosilício é um corretivo de acidez do solo à base de silicato de cálcio e magnésio, podendo ser utilizado como alternativa ao calcário na correção do solo. Além de fornecer cálcio e magnésio, nutrientes tradicionalmente associados aos calcários agrícolas, o produto também fornece silício, elemento benéfico que contribui para o fortalecimento estrutural das plantas, aumentando sua tolerância a estresses bióticos e abióticos e favorecendo a sanidade vegetal. Dessa forma, o Agrosilício atua simultaneamente na correção da acidez, na construção da fertilidade do solo e na promoção de um ambiente mais equilibrado para o desenvolvimento das culturas.

IA aplicada a pulverizadores amplia precisão no manejo do algodão

AI/Eirene Industrial



Uma solução inédita no mercado brasileiro leva Inteligência Artificial à pulverização das lavouras de algodão para orientar, em tempo real, as aplicações de reguladores de fungicidas, inseticidas e herbicidas.

A SaveFarm Cotton, desenvolvida pela Eirene Industrial S/A, reúne uma nova geração de algoritmos dedicados, hardware embarcado de nova geração e interface intuitiva para o manejo da plantação, respeitando as características específicas da cotonicultura. A solução será lançada no 15º Congresso Brasileiro do Algodão, realizado entre 22 e 24 de setembro em Belo Horizonte (MG), com a promessa de ampliar a produtividade e reduzir em até 95% os custos com pulverização.

A inovação chega ao mercado em um momento de incertezas no setor. Segundo estimativas da Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa), a

produção brasileira de algodão em pluma deve chegar a 4,14 milhões de toneladas na safra 2025/2026, redução de 2,5% em relação à safra anterior. “Estamos falando de uma cultura que apresenta um alto valor de produção e que demanda tecnologias capazes de reduzir os custos e evitar o desperdício, mantendo a qualidade do produto. Por isso, desenvolvemos uma solução específica para as lavouras de algodão, tornando a pulverização mais assertiva em diferentes estágios da plantação” explica Eduardo Marckmann, CEO da Eirene Solutions, empresa que há 16 anos atua no mercado de pulverização seletiva no Brasil e no exterior.

Ele explica que uma das principais características do novo sistema é a configuração da plataforma. Com espaçamento entre os bicos de 22,5 centímetros e 25 centímetros, o SaveFarm Cotton amplia a capacidade de identificação dos alvos, aumentando a precisão na aplicação dos produtos, enquanto o sistema tradicional apresenta uma distância de 1 metro entre os bicos.

Descarbonização na rota da inovação para transformar agro e mobilidade

A 33ª edição do Congresso e Mostra Internacionais de Mobilidade SAE BRASIL, que acontece nos dias 7 e 8 de outubro, no Pavilhão da Bienal do Parque Ibirapuera, em São Paulo (SP), contará com quatro trilhas de conteúdo distribuídas em sete palcos simultâneos. Entre elas, a Trilha de Descarbonização, com oito palestras, terá uma programação dedicada a discutir os desafios da crise climática e as soluções de engenharia, tecnologia e inovação capazes de acelerar a transição energética no agro e na mobilidade.

Inserida no tema central do Congresso, “Agroindústria e Mobilidade: Conectando Energia, Inovação e Desenvolvimento Sustentável”, a trilha reunirá especialistas, executivos e lideranças de diferentes setores para discutir como o Brasil pode aproveitar suas características e competências para desenvolver soluções de menor impacto ambiental. Os debates passarão por temas como biocombustíveis, combustíveis alternativos, eletrificação, economia circular, infraestrutura logística e energética e integração entre agroindústria e mobilidade (<https://saebrasil.org.br/eventos/congresso/>).

Destaque I



AI/ProWine São Paulo

Estande Vinhos Gaúchos reúne 43 vinícolas na ProWine São Paulo 2026

O Rio Grande do Sul estará novamente representado na ProWine São Paulo, de 6 a 8 de outubro, no Expo Center Norte, em São Paulo, com uma participação ampliada dos Vinhos Gaúchos. O estande coletivo promovido pelo Instituto de Gestão, Planejamento e Desenvolvimento da Vitivinicultura do Estado do Rio Grande do Sul (Consevitis-RS), em parceria com o Sebrae RS, reunirá 43 vinícolas, seis a mais do que na edição anterior, quando participaram 37 empresas. A área também cresceu. O espaço terá 241,5 m², ante os 227 m² da edição passada, reunindo empresas de diferentes perfis e regiões produtoras. A participação contempla vinícolas da Serra Gaúcha, Serra do Sudeste e Campanha Gaúcha, reforçando a diversidade da produção vitivinícola do Estado. Para Cristina Carniel, gerente de Promoção para o Mercado Interno do Consevitis-RS, a participação deste ano será marcada pela pluralidade e pela maturidade do vinho gaúcho.

Destaque II



Chico Cineasta

5ª edição do roadshow I Love Italian Wines

Promovida pela Agência ICE e realizada com a colaboração das feiras Vinitaly e Wine South America em quatro capitais, entre os dias 11 e 18 de setembro, a 5ª edição do roadshow I Love Italian Wines recebeu 1200 compradores de bares, hotéis, restaurantes, supermercados, empórios, distribuidoras e importadoras, interessados em conhecer ou visitar o melhor da produção vinícola da Itália, o maior produtor e exportador mundial de vinhos. O aumento em relação ao total de visitantes de 2025 foi de mais de 70%. O evento passou por Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo e, pela primeira vez, Curitiba. Desde sua primeira edição, em 2022, o roadshow é sempre realizado em São Paulo. Rio de Janeiro passou a integrar a agenda a partir da segunda edição e, a partir da terceira, uma outra cidade itinerante passou a fazer parte do calendário. Em 2026, Brasília integrou as etapas fixas do Roadshow, que passou a ter quatro etapas, encerrando o percurso em Curitiba.

El Niño aumenta atenção sobre contratos do agronegócio na safra 2026/27

O fortalecimento do El Niño às vésperas da safra 2026/27 cria um cenário de atenção para os contratos do agronegócio brasileiro. Em atualização divulgada em 10 de setembro, o Centro de Previsão Climática dos Estados Unidos (CPC/NOAA) informou que o fenômeno continua se intensificando e apontou probabilidade superior a 90% de um evento muito forte durante o outono e o inverno do Hemisfério Norte de 2026/27. Para o período entre outubro e dezembro, o órgão estima em 75% a chance de um evento de magnitude histórica, superior aos registros anteriores desde 1950 pelo critério atualmente utilizado pelo CPC. O cenário avançou desde junho, quando o órgão já havia confirmado o El Niño e indicado a possibilidade de forte intensificação nos meses seguintes. Agora, com o fenômeno estabelecido e em fortalecimento, a discussão para empresas e produtores passa também pela forma como esse risco conhecido é considerado nos contratos firmados ou executados durante a safra.

Alta histórica de 56% nas recuperações judiciais do agro acende alerta

O CONACREDI Agro lançou a agenda da 8ª edição do CONACREDI, maior congresso de crédito do agronegócio da América Latina, que será realizado nos dias 11 e 12 de novembro de 2026, no Centro de Convenções Frei Caneca, em São Paulo. Com inscrições abertas, expectativa de reunir mais de 1.200 participantes e uma programação centrada no tema Governança, o congresso reflete um momento de maior complexidade para o mercado de crédito agro (<https://conacredi.com.br/agenda/>).

Casale participa da Abertura Nacional do Plantio da Soja

A Casale participa, nos dias 24 e 25 de setembro, da Abertura Nacional do Plantio da Soja – Safra 2026/2027, promovida pela Aprosoja, em Santa Cruz do Rio Pardo (SP). O encontro reúne produtores rurais, pesquisadores, lideranças do setor, consultores, instituições e empresas para discutir tendências, compartilhar conhecimento e apresentar tecnologias que impulsionam a produtividade e a sustentabilidade no campo.

Azeite da Mantiqueira fica em segundo lugar em concurso francês e é eleito o melhor do Brasil



Divulgação

O Mantikir Coratina, produzido pela Vinícola Essenza na Serra da Mantiqueira, foi eleito o melhor azeite brasileiro no Olio Nuovo Days 2026 e ficou em segundo lugar entre os dez melhores azeites do Hemisfério Sul. O resultado, divulgado na (21), marca o terceiro ano consecutivo em que um rótulo da Vinícola Essenza ocupa a primeira posição entre os brasileiros na competição realizada em Paris, na França. Nesta edição, o primeiro lugar geral ficou com um azeite chileno.

OPINIÃO

Produtividade no campo: produzir mais já não basta, é preciso produzir melhor

Welinton Silva (*)

A possibilidade de uma maior pressão sobre o abastecimento global de alimentos a partir de 2027, segundo um relatório recente da JPMorgan, colocou novamente a segurança alimentar no centro das discussões do agronegócio.

Análise, que ganhou repercussão após um alerta sobre a necessidade de ampliar estoques de alimentos, não representa uma certeza de crise, mas chama atenção para um conjunto de fatores que já desafia o produtor: custos elevados, volatilidade das commodities, restrições de crédito, disponibilidade de insumos, eventos climáticos extremos e dificuldades logísticas.

Nesse cenário, a produtividade passou a significar mais do que produzir um volume maior por hectare. O desafio é produzir mais e melhor, utilizando de forma eficiente os recursos disponíveis.

Durante muito tempo, o aumento da produção esteve associado principalmente à expansão da área cultivada. Hoje, essa equação é mais complexa.

O produtor precisa buscar maior produtividade dentro da área que já possui, reduzindo perdas, controlando o custo por hectare e realizando cada operação no momento adequado.

Isso exige olhar para toda a cadeia produtiva. Do preparo do solo ao plantio, passando pelo manejo e pelas aplicações, até a colheita e o transporte, onde cada etapa interfere no resultado final. Quando uma operação é realizada fora da janela ideal, por exemplo, pode haver perda de potencial produtivo, além de retrabalho e aumento do consumo de combustível, mão de obra e outros recursos.

É justamente nesse contexto que a mecanização ganha importância. Mas mecanizar não significa simplesmente escolher uma máquina maior ou mais potente. Significa encontrar o equipamento adequado à realidade da propriedade, à cultura, ao relevo, às condições do solo e ao tempo disponível para realizar cada atividade.

Em culturas com janelas operacionais mais curtas, ter a máquina disponível no momento certo pode ser decisivo. Um equipamento com capacidade insuficiente pode provocar atrasos, enquanto uma máquina superdimensionada pode permanecer subutilizada e elevar o custo por hectare. O desafio está em encontrar o equilíbrio entre investimento, capacidade operacional e necessidade real.

A eficiência também precisa ser medida de forma mais ampla. O volume produzido por hectare continua sendo um indicador fundamental, mas, isoladamente, não mostra toda a realidade da operação. É preciso considerar quanto foi gasto para produzir, o consumo de combustível, o tempo necessário para cada atividade, os custos de manutenção e o período em que os equipamentos ficaram efetivamente disponíveis para o trabalho.

Essa visão se torna ainda mais relevante diante da possibilidade de restrições na oferta ou de aumento dos preços de insumos. Os últimos anos mostraram como conflitos geopolíticos e

problemas logísticos em diferentes partes do mundo podem afetar cadeias essenciais à agricultura. Quando um recurso se torna mais caro ou mais difícil de obter, aproveitar melhor aquilo que está disponível passa a ser ainda mais importante.

O planejamento, portanto, assume um papel central. Monitorar as condições climáticas, programar a compra de insumos, realizar a manutenção preventiva das máquinas e antecipar as operações são medidas que ajudam o produtor a reduzir a exposição aos imprevistos. Em uma atividade tão dependente de janelas específicas, disponibilidade e confiabilidade dos equipamentos também fazem parte da estratégia.

A mecanização ainda pode contribuir para enfrentar outro desafio estrutural do campo: a disponibilidade de mão de obra. Em diferentes culturas e regiões, determinadas atividades continuam dependendo de trabalho manual, enquanto outras podem ganhar eficiência com a mecanização adequada. O exemplo de países como o Japão mostra como a falta de mão de obra pode acelerar esse processo, mas o caminho brasileiro precisa considerar a diversidade das propriedades e das culturas existentes no país.

Por isso, ampliar o acesso à mecanização, especialmente entre pequenos e médios produtores, não significa apenas disponibilizar equipamentos maiores e mais potentes. É necessário desenvolver soluções compatíveis com diferentes escalas de produção e necessidades. A realidade de uma grande propriedade de grãos é diferente daquela encontrada em uma operação de fruticultura ou em uma pequena propriedade familiar.

Para a indústria, essa realidade reforça a necessidade de uma mudança de perspectiva. Mais do que oferecer produtos, é preciso compreender os desafios enfrentados pelo produtor e desenvolver soluções que contribuam para a eficiência de toda a operação. Questões como disponibilidade de peças, assistência técnica, confiabilidade e adequação do equipamento também interferem diretamente na capacidade de cumprir as janelas de trabalho.

O Brasil tem condições de ampliar sua contribuição para a produção mundial de alimentos sem que o aumento da oferta dependa exclusivamente da expansão de áreas. Reduzir perdas, melhorar a eficiência das operações e aproveitar melhor os recursos das áreas já cultivadas são caminhos igualmente importantes.

Se o alerta para 2027 aponta para um cenário em que a oferta global de alimentos pode enfrentar novas pressões, a resposta do campo precisa ser construída desde agora. E ela passa por uma combinação de tecnologia, planejamento e eficiência.

No fim, produtividade não deve ser entendida apenas como quantidade produzida. É a capacidade de transformar terra, insumos, máquinas, mão de obra, tempo e capital em resultado. Produzir mais continua sendo fundamental, mas produzir com eficiência, previsibilidade e rentabilidade será cada vez mais determinante para a sustentabilidade da atividade agrícola.

(*) Bacharel em Administração pela Estácio e possui MBA em Business/Commerce pela USP/Esalq.

O mercado de alimentos está mudando e o cacau pode ser protagonista dessa transformação

Durante muito tempo, falar em chocolate significou falar em indulgência. Chocolate era associado ao prazer, à sobremesa, ao presente, à recompensa. Tudo isso continua fazendo parte desse universo, mas acredito que estamos vivendo uma transformação importante porque o consumidor está mudando, inclusive a maneira como ele enxerga o chocolate.

Essa transformação não está restrita ao nosso setor. Ela acontece em todo o mercado de alimentos.

Dados e análises recentes do varejo mostram uma redistribuição do orçamento das famílias. Saúde, proteína, conveniência, funcionalidade e produtos zero açúcar ganham relevância, enquanto categorias tradicionais de indulgência enfrentam maior pressão. Em um dos recortes sobre o varejo alimentar brasileiro, a indulgência apresenta retração de aproximadamente 4,7%, enquanto segmentos como proteicos, frutas congeladas, energéticos e refrigerantes sem açúcar avançam.

É um movimento que merece atenção de toda a indústria de alimentos porque não estamos falando apenas de uma troca de produtos. Estamos diante de uma mudança de valores e prioridades do consumidor que continua querendo sabor e prazer, mas passou a procurar outros atributos junto com eles.

Ele observa a quantidade de açúcar, procura produtos proteicos, funcionais, zero açúcar e presta mais atenção aos ingredientes. Saúde, conveniência, qualidade e benefício percebido passam a dividir espaço com preço na decisão de compra. O consumidor economiza nas categorias onde percebe pouca diferenciação, mas aceita pagar mais quando identifica benefícios claros.

As pessoas continuam querendo comer algo gostoso e chocolate. Mas uma parcela crescente quer conciliar esse prazer com aquilo que considera adequado ao seu estilo de vida.

Existe uma tendência de colocar todos os chocolates dentro de uma única categoria, quando, na realidade, estamos falando de produtos com composições muito diferentes.

O consumidor precisa ser estimulado a olhar o rótulo. Quanto cacau existe naquele produto? Quanto açúcar? Quais são os ingredientes? De onde vem a matéria-prima?

Em vez de tratarmos o chocolate apenas como um alimento ligado à indulgência, podemos ampliar essa conversa e mos-



Paulo Gonçalves, produtor de cacau e CEO da Espírito Cacau

“Embalagens de até 60 gramas cresceram 2%, mostrando que parte dos consumidores passou a buscar porções menores para reduzir o impacto da compra no orçamento.

trar a diversidade existente dentro desse universo.

Isso passa por chocolates com maior concentração de cacau, opções zero açúcar, produtos de origem e formulações desenvolvidas para diferentes necessidades e momentos de consumo.

As próprias tendências identificadas para o mercado de chocolates já relacionam alto teor de cacau, chocolates de origem, saudabilidade, bem-estar, sustentabilidade e qualidade às novas demandas dos consumidores.

Por isso, acredito que o caminho não seja abandonar o prazer associado ao chocolate e sim mostrar que prazer, qualidade da

matéria-prima e escolhas mais conscientes que podem estar no mesmo produto.

O peso do preço

A crise internacional do cacau provocou uma forte elevação dos custos da matéria-prima nos últimos anos. Mesmo depois da queda das cotações internacionais, o consumidor brasileiro ainda encontra chocolates mais caros nas lojas.

Dados da Worldpanel mostraram que, no primeiro trimestre de 2025, o consumo domiciliar de chocolates caiu 19% em volume, enquanto o preço médio por quilo aumentou 17%. Ao mesmo tempo, embalagens de até 60 gramas cresceram 2%, mostrando que parte dos consumidores passou a buscar porções menores para reduzir o impacto da compra no orçamento.

Esse é um exemplo importante de que não podemos olhar somente para faturamento.

Uma categoria pode crescer financeiramente porque o preço médio aumentou, enquanto o número de unidades ou o volume vendido está caindo. Para a indústria e para o varejo, entender essa diferença será cada vez mais importante.

Precisamos saber não apenas quanto o consumidor está gastando, mas onde ele está escolhendo gastar.

Nesse novo cenário, acredito que três elementos ganharão cada vez mais importância no mercado de chocolates: composição, origem e transparência.

O consumidor está aprendendo que existem grandes diferenças entre os produtos disponíveis na gôndola. E, à medida que esse conhecimento aumenta, cresce também a oportunidade para chocolates que consigam comunicar claramente o teor de cacau, a procedência da matéria-prima e os diferenciais de sua formulação.

É um movimento semelhante ao que vimos acontecer com outros alimentos. O consumidor aprendeu a diferenciar cafés por origem, torra e qualidade e a conhecer uvas e regiões produtoras de vinho. Com o cacau e o chocolate, temos espaço para avançar pelo mesmo caminho.

E o Brasil tem muito a ganhar com isso.

Tecnologia portátil para análise instantânea da qualidade do leite e decisão em tempo real na fazenda

O Brasil é o terceiro maior produtor mundial de leite, com um volume superior a 34 bilhões de litros por ano, segundo o Ministério da Agricultura e Pecuária. Apesar da relevância econômica do setor, a cadeia produtiva enfrenta um histórico desafio operacional: a falta de previsibilidade e dados no momento exato em que o leite é coletado e armazenado. Para ajudar a cadeia a precificar a matéria-prima e evitar rejeição de lotes, a Zeit, deeptech especializada na otimização de processos de análises químicas para a agricultura e pecuária, lança o Zeit Qualis, solução tecnológica portátil voltada para a cadeia do leite.

A inovação foi projetada para monitorar os parâmetros de qualidade do leite bovino em tempo real, diretamente na propriedade rural. No início o projeto contou com a parceria do Grupo de Estudo em Aditivos na Produção Animal (GEAPA), vinculado ao Departamento de Zootecnia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), coordenado pelo Prof. Dr. Julio Viégas, para a realização das primeiras coletas e análises de leite.

A ferramenta entrega diagnósticos imediatos de parâmetros como gordura, proteína, lactose e sólidos totais, além da classificação em uma faixa de valor para CCS (Contagem de Células Somáticas), indicador de saúde animal e da qualidade do leite. A inovação otimiza o monitoramento do leite produzido pelo rebanho e aumenta a confiança e previsibilidade na tomada de decisão da cadeia leiteira.

“Um dos grandes gargalos da pecuária leiteira é a assimetria de informações entre o campo e a indústria. Quando o resultado do laudo convencional chega, cerca de uma



ou duas semanas depois da coleta, a janela para corrigir a alimentação do rebanho ou evitar o descarte de um lote de leite já passou”, pontua Paula Dalla Vecchia, cofundadora e diretora de Operações e Pesquisa da Zeit.

“Desenvolvemos o Zeit Qualis como uma ferramenta diária de monitoramento da qualidade do leite na palma da mão do produtor, incorporando na tecnologia a precisão e a exatidão que uma análise química exige. A tecnologia traz previsibilidade para a fazenda e garante segurança para a indústria no momento da precificação”, complementa a executiva, que é doutora em Química Analítica pela UFSM.

Por meio do equipamento portátil integrado a um aplicativo de celular, técnicos, cooperativas e produtores rurais conseguem monitorar tanto amostras individuais dos animais quanto o volume armazenado nos tanques da propriedade. A leitura em campo permite identificar com agilidade desequilíbrios nutricionais na dieta do rebanho e detectar precocemente indicadores sanitários, como alterações associadas à mastite por meio do acompanhamento da CCS.

A identificação rápida dessas variações evita a contaminação de tanques inteiros e preserva a rentabilidade do produtor, que tem um potencial de bonificação entre R\$ 0,25 e R\$ 0,36 por litro — cerca de 10% a 15% do valor total do leite — ao atingir os melhores índices de qualidade exigidos pela indústria, de acordo com o Conseleite (Conselho Paritário Produtores/Indústrias de Leite do Estado do Rio Grande do Sul).

"Iniciamos o desenvolvimento da tecnologia em 2020, contando com o apoio de programas de incentivo à inovação, como o Programa Dr. Empreendedor (FAPERGS/SEBRAE), Tecnova (FINEP/FAPERGS) e o Catalisa ICT (SEBRAE), além da parceria contínua com grupos de pesquisa em zootecnia e veterinária e, também, com produtores, que foi de suma importância para a validação da tecnologia em campo. Fizemos questão de desenvolver internamente todo o software, a inteligência artificial e os algoritmos do sistema, treinando e validando cada modelo diretamente com dados de laboratórios credenciados para garantir alta confiabilidade da solução", destaca Paula.



Africa_images_CANVA

DIVISÃO DE TAREFAS

SE A TECNOLOGIA FAZ O TRABALHO REPETITIVO, O QUE SOBRA PARA AS PESSOAS?

Avanço dos agentes digitais muda a divisão de tarefas nas empresas e pode ajudar a reduzir a sobrecarga que afeta a rotina das equipes

A cada dois minutos, um profissional é interrompido no trabalho por uma reunião, um e-mail ou uma mensagem, segundo o Work Trend Index 2025, da Microsoft. Esse excesso de interrupções ajuda a explicar por que a discussão sobre produtividade deixou de girar apenas em torno de fazer mais em menos tempo: com o avanço dos agentes de inteligência artificial, as empresas passam a olhar também para uma questão mais humana, como usar a tecnologia para reduzir a sobrecarga e devolver às equipes tempo para pensar, criar e se relacionar.

É nesse cenário que ganham espaço os chamados funcionários digitais. Em vez de substituir profissionais, esses sistemas assumem parte do trabalho operacional, sobretudo tarefas repetitivas, previsíveis e que consomem horas da jornada, enquanto as pessoas permanecem no centro das decisões, das relações e das atividades que dependem de experiência e julgamento.

A mudança acontece justamente quando o burnout ganha cada vez mais espaço nas discussões corporativas. Para a Organização Mundial da Saúde, a síndrome está ligada ao estresse crônico no ambiente de trabalho que não foi administrado adequadamente, e se manifesta por exaustão, distanciamento em relação ao trabalho e queda na eficácia profissional. A tecnologia, por si só, não resolve esse problema, mas pode ajudar a reduzir uma das principais fontes de desgaste: o volume de tarefas que fragmentam a rotina e deixam pouco espaço para o trabalho de maior valor.

Boa parte da rotina corporativa é feita de pequenas atividades que, isoladamente, parecem simples: atualizar sistemas, organizar informações, classificar solicitações, fazer acompanhamentos, responder demandas recorrentes, preparar relatórios, registrar dados. Sozinhas, elas não impressionam, mas repetidas todos os dias acabam consumindo uma fatia significativa do tempo de trabalho.

É justamente nessa camada que os agentes digitais atuam. A diferença em relação às ferramentas tradicionais de automação está na capacidade de executar uma sequência de ações a partir de regras e objetivos definidos: o sistema identifica uma solicitação, organiza as informações necessárias, realiza uma etapa operacional e encaminha ao profissional apenas o que exige análise ou decisão. Em vez de percorrer sozinho todas as etapas de um processo, o funcionário passa a atuar nos pontos em que sua participação realmente faz diferença.



Magda_Eilers_de_Pexels_CANVA

“O objetivo não é colocar uma máquina no lugar de uma pessoa, e sim colocar a tecnologia ao lado dela. Existem tarefas que não precisam da capacidade humana para serem executadas, mas existem decisões, relações e problemas complexos que dependem de pessoas.

Para Abraão Osher, CEO da DNAfy, empresa especializada em IA humanizada, essa transformação não deve ser lida como uma corrida para substituir profissionais.

"O objetivo não é colocar uma máquina no lugar de uma pessoa, e sim colocar a tecnologia ao lado dela. Existem tarefas que não precisam da capacidade humana para serem executadas, mas existem decisões, relações e problemas complexos que dependem de pessoas. Quando conseguimos separar essas duas coisas, o profissional deixa de gastar energia com o que é repetitivo e passa a se dedicar ao que realmente exige sua experiência", afirma.

O impacto dessa reorganização aparece justamente nas atividades que não constam da descrição formal do cargo, mas ocupam boa parte do expediente: mensagens, atualizações, cobranças, registros e reuniões que fragmentam a atenção e dificultam a concentração em projetos mais complexos. O problema raramente está em uma tarefa isolada, e sim no acúmulo delas ao longo do dia, algo que o próprio Work Trend Index 2025 confirma ao apontar o crescimento das comunicações fora do horário comercial.

Diante disso, a pergunta relevante deixa de ser "quantas tarefas uma ferramenta consegue executar" e passa a ser "quais delas ainda precisam ser feitas por uma pessoa".

Um vendedor, por exemplo, pode deixar para um agente o acompanhamento de contatos e a atualização de informações, concentrando sua atenção nas conversas que exigem negociação; em uma área administrativa, o sistema pode organizar dados e preparar documentos, liberando o funcionário para analisar os resultados; no atendimento, pode cuidar das demandas mais previsíveis e encaminhar à equipe as situações mais complexas. O ganho, portanto, não está necessariamente em reduzir o número de pessoas, mas em mudar o tipo de trabalho que elas realizam.

A inteligência artificial não substitui o fator humano

A ideia de que agentes digitais podem assumir parte da operação ajuda a separar dois debates que costumam aparecer misturados, automação e substituição de profissionais. São conceitos diferentes: mesmo quando um sistema executa uma tarefa de ponta a ponta, ainda é preciso definir objetivos, estabelecer limites, acompanhar resultados e decidir o que fazer diante de situações fora do padrão. Quanto mais sensível ou complexo o processo, maior tende a ser a importância da supervisão humana.

Relacionamento com clientes, liderança, negociação, criatividade, interpretação de contexto e tomada de decisões estratégicas continuam dependendo de competências que não cabem em uma sequência de comandos.

"Estamos falando de uma mudança na divisão do trabalho, não no fim do trabalho humano. A tecnologia pode executar, mas alguém precisa definir o que deve ser feito, avaliar se aquilo faz sentido e assumir a responsabilidade pelo resultado. O profissional ganha relevância justamente porque passa a dedicar mais tempo às atividades em que sua capacidade de julgamento faz diferença", explica Osher.

Os dados do levantamento reforçam essa transformação: entre os usuários pesquisados pela Microsoft, 66% afirmam que o uso de agentes permite dedicar mais tempo a trabalhos de maior valor. Entre os usuários mais avançados, esse percentual chega a 80%.

Adotar uma nova ferramenta, por si só, não garante uma rotina mais saudável. Se a empresa automatiza uma tarefa mas mantém o mesmo volume de reuniões, cobranças, interrupções e metas, a sobrecarga continua existindo, o que reforça a importância de identificar quais atividades são de fato repetitivas, quais exigem conhecimento humano e em que pontos uma aprovação é indispensável antes de delegar a execução à tecnologia.

"Se usarmos a tecnologia apenas para fazer as pessoas trabalharem mais rápido, estaremos aproveitando uma parte muito pequena do seu potencial. O mais interessante é dar às pessoas mais tempo para pensar, criar, resolver problemas e se relacionar. A tecnologia deve ampliar a capacidade humana, não tornar o profissional dispensável", conclui Osher.



Africa_images_CANVA